

SESSÃO 1 17 julho – 21h	SESSÃO 2 18 julho – 21h	SESSÃO 3 19 julho – 21h	SESSÃO 4 17 dezembro – 19h30
<i>Ultimate Substance</i> (2012, 34') Anja Kirschner & David Panos (DE/ GR-US)	<i>Subconscious Society, Feature</i> (2014, 39') Rosa Barba (DE / US)	<i>The Second Journey (To Uluru)</i> (1981, 74') Arthur and Corinne Cantrill (AUS)	<i>Lettres du Voyant</i> (2013, 40') Louis Henderson (UK)
<i>Europium</i> (2014, 21') Lisa Rave (DE)	<i>Uranium Hex</i> (1987, 11') Sandra Lahire (UK)	<i>The Song of Stone</i> (1963, 24'30") Toshio Matsumoto (JP)	<i>The Mermaids, or Aiden in Wonderland</i> (2018, 26'29") Karrabing Film Collective (AUS)
<i>Faux Départ</i> (2015, 22'43") Yto Barrada (MA)	<i>Nauru – Notes from a Cretaceous World</i> (2010, 14'55") Nicholas Mangan (AUS)	<i>Hand Held Day</i> (1975, 6') – projecção de película em 16mm Gary Beydler (US)	<i>No Shooting Stars</i> (2016, 14'25") Basim Magdy (EGY)
	<i>Subatlantic</i> (2015, 11'24") Ursula Biemann (SWZ)		

AGRADECIMENTOS DA CURADORIA

Aos artistas e distribuidoras, Angelika Ramlow, Elizabeth Povinelli, Hirofumi Sakamoto, Cineteca Madrid, a toda a equipa das Galerias Municipais de Lisboa.

UNDER THE GROUND

CICLO DE FILMES DE ARTISTAS E

CINEMA EXPERIMENTAL

17, 18 e 19 julho 2020 | 21h

Jardim da Galeria Quadrum

17 dezembro | 19h30

Cinema São Jorge

CURADORIA

Sara Castelo Branco
Hugo de Almeida Pinho

FILMES DE

Anja Kirschner & David Panos; Arthur & Corinne Cantrill; Basim Magdy; Gary Beydler; Karrabing Film Collective; Lisa Rave; Louis Henderson; Nicholas Mangan; Rosa Barba; Sandra Lahire; Toshio Matsumoto; Ursula Biemann; Yto Barrada

Através de uma concepção do mundo separada da linearidade do tempo histórico, o conceito “*deep time*” foi formulado no século XVIII por James Hutton, que definiu que a temporalidade da terra não era configurada através de uma progressão sequencial, mas como um *ciclo dinâmico* de fluxos estratificados em várias temporalidades. As escavações ao interior da terra constituem assim uma espécie de viagem temporal ao passado, mas também uma forma de previsão das alterações futuras do planeta. Estas escalas geológicas tornaram-se portanto essenciais no entendimento de conceitos como o *antropoceno* ou o *tecnoceno* – que referem um período terrestre em que as actividades humanas têm um impacto global no funcionamento dos ecossistemas do planeta: em que o *tempo profundo* geológico é corrompido pelo tempo da conveniência humana. Neste contexto, Jean-Luc Nancy afirmou que hoje se vive um processo de “suplementação” e “suplantação”: a tecnologia integra

matéria-prima da natureza nos seus dispositivos tecnológicos, ao mesmo tempo que essa mesma tecnologia transforma e esgota os recursos naturais para os seus próprios fins. Desta forma, a matéria geológica tornou-se hoje pertinente para compreender a nossa circunstância tecnológica, mas sobretudo para visibilizar determinados custos laborais, sociais e ecológicos implícitos nestas práticas pretensamente virtuais e imateriais.

Under the Ground propõe apresentar um conjunto de obras de diferentes temporalidades, imagéticas e geografias – que vão do Gana, às ilhas do Pacífico, à Grécia, ao Japão, à Antártica, à América do Norte ou ao deserto do Saara – e que, divididas por três sessões, procuram revelar questões centrais para uma compreensão alargada sobre a *temporalidade profunda* da terra, e a sua relação crítica com os tempos contemporâneos da economia e da tecnologia. A primeira sessão apresenta um conjunto de filmes que reflectem sobre a ligação entre a história do planeta e a história criada pela humanidade, tratando temas como a materialidade da tecnologia, a ecologia, a mineralogia ou o espiritismo indígena. A segunda sessão apresenta um conjunto de filmes que convocam uma dimensão distópica sobre as consequências da exploração da terra, projectando uma temporalidade futura e apocalíptica – seja através de perspectivas ligadas ao eco-feminismo e à mão-de-obra feminina, à transformação corporal e paisagística, ou, ao ponto de vista das cosmologias indígenas. Por fim, a terceira sessão propõe um conjunto de filmes que trabalham sobre tensões telúricas, ancestrais e sensoriais, dialogando o *tempo profundo* geológico da Terra com as capacidades técnicas do filme. *Under the Ground* pretende portanto apresentar um conjunto de obras que, sem hierarquias epistémicas, convoca um olhar para o passado ou para o futuro de forma a compreender o presente – algo que escava afim de perceber as urgências da contemporaneidade e criar uma arqueologia mais benéfica para o futuro.

jovem indígena, Aiden, que fora retirado à família ainda em bebé para ser utilizado numa experiência médica com vista a salvar a raça branca, é devolvido ao mundo da sua família. Enquanto viaja com o seu pai e irmão através da paisagem, confronta dois possíveis futuros e passados. O coletivo indígena Karrabing Film Collective, sediado nos Territórios do Norte da Austrália, utiliza filmes e instalações como forma de resistência popular e auto-organização. O coletivo é composto por aproximadamente 30 membros que, em conjunto, criam filmes utilizando um “realismo improvisado” que abre um espaço para além dos binários ficção-documentário e passado-presente. *Karrabing*, que significa “maré-baixa” na língua emmiyengal, refere-se a uma forma de coletividade que extravasa as restrições impostas pelo governo de vínculos relacionados com clãs ou posse da terra. Compondo teias de narrativas não lineares que tocam na memória cultural, no lugar e na ancestralidade, movendo-se livremente no tempo e no espaço, o coletivo Karrabing expõe e intervém sobre as antigas vertentes da violência colonial que impactam diretamente os membros, como a devastação ambiental, as restrições à ocupação da terra e a exploração económica.

Língua: Inglês, inglês aborígine; Formato: ? ; Versão: Versão em língua original; cor; som mono.

No Shooting Stars (2016, 14'25")

Basim Magdy (EGY)

Uma voz abafada emerge das profundezas até à superfície, como uma erupção. Fala do seu poder e da nossa realidade desencantada. Fala dos seus antepassados, dos seus fantasmas e dos seus jogos de dissimulação ao mesmo tempo que opina sobre as ilhas inatingíveis numa lua sequestrada por extraterrestres.

Este é o lugar em que os pores-do-sol se parecem com fogo-de-artifício congelado, preso dentro de uma lâmpada mágica. Esta é a estrada interminável pavimentada de humildade turquesa.

Este é o meu enigmático amante cujo destino se encontra para sempre entrelaçado com o meu.

Formato: Super 16 mm e animações GIF transferidas para Full HD; cor; sem som, encomenda conjunta de Jeu de Paume, Paris, Fondation Nationale des Arts Graphiques et Plastiques e CAPC (musée d'art contemporain de Bordeaux).

no deserto central da Austrália. Os detalhes da sua composição mineral, pedras, pó, plantas, árvores e flores são contemplados em diferentes alturas do dia, apresentando variações nas suas formas. Os autores filmaram igualmente pinturas rupestres no interior do monólito, bem como outros vestígios, adicionando uma dimensão de perda ao filme: a fuga dos aborígenes de um território transformado pela indústria do turismo. A intemporalidade do monólito questiona a percepção humana do tempo e do espaço, bem como da cor e dos sons. Tal como Einstein disse: “A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão teimosamente persistente”.

Língua: Inglês; Formato: DCP; Versão: Versão em língua original; preto e branco e cor; som mono.

The Song of Stone (1963, 24'30")

Toshio Matsumoto (JP)

Ernest Satow (repórter da revista americana “LIFE”) tira fotografias de Masayuki Nagare (escultor) e de pedreiros na aldeia de Aji. Este filme é um documentário criado para a televisão e composto de fotografias como materiais. A música é criada a partir do som das pedras. Na aldeia de Aji, extrai-se pedra de boa qualidade. Os pedreiros vivem com as pedras e dizem: “as pedras são seres vivos”.

Língua: japonês, com legendas em inglês; Formato: ficheiro de dados Prores 1920x1080; Versão: Versão em língua original; preto e branco; som.

Hand Held Day (1974, 6')

Projeção de película em 16 mm

Gary Beydler (US)

Este filme consiste num único *take* de 14 horas em *time-lapse*, filmado numa estrada do Arizona, desde a aurora ao crepúsculo. Virado para oeste, Beydler segura na mão direita um pequeno espelho que se encontra enquadrado pela câmara, voltada para leste. Um controlador acionou a

exposição a cada seis segundos. A filmagem foi interrompida quando ficou escuro.

Formato: 16 mm; cor; sem som, 24 ips; distribuído por Lightcone.

SESSÃO 4 | 17 de dezembro | 19h30

Lettres du Voyant (2013, 40')

Louis Henderson (UK)

“Recuperar o ouro que nos foi roubado – este é o objetivo das nossas ações. “

Lettres du Voyant é um documentário ficcional sobre o espiritismo e a tecnologia que convivem no Gana contemporâneo, tentando desvendar algumas verdades sobre uma prática misteriosa chamada “Sakawa”, ou seja, burlas perpetradas através da Internet misturadas com magia Vudu. Ao seguir o rasto das histórias dos vigaristas até ao período da independência do Gana, o filme propõe a prática do “Sakawa” como forma de resistência anti-neocolonial.

O filme toma a forma de uma viagem através de uma rede de poços de minas digitalizados que conduzem o espectador a cada um dos cenários do filme: por exemplo, uma mina de ouro, um depósito de lixo electrónico, um ritual vudu ou uma discoteca. Uma personagem conta uma história lendo uma série de cartas que escreveu ao autor do filme – cartas que falam da história colonial do Gana, do ouro e da tecnologia.

Formato: HD, Dolby 5.1; Inglês; Versão: Versão em língua original; cor; som estéreo; cortesia do artista e de Le Fresnoy – studio national des arts contemporains.

The Mermaids, or Aiden in Wonderland (2018, 26'29")

Karrabing Film Collective (AUS)

Num futuro próximo, a Terra está morta e os europeus deixaram de conseguir sobreviver fora de portas durante longos períodos de tempo. Um

SESSÃO 1 | 17 de julho | 21h

Ultimate Substance (2012, 34')

AnjaKirschner&DavidPanos(DE/GR-US)

Partindo de referências da arqueologia, filosofia, matemática e rituais, *Ultimate Substance* parte da hipótese de que a introdução da cunhagem de moedas na Grécia antiga teve como efeito uma transformação cognitiva profunda que foi chave para o surgimento das tradições filosófica, científica e dramática ocidentais. A obra foi realizada ao longo de um ano, na Grécia, e filmada dentro e na proximidade do Museu da Numismática, em Atenas, e de Lavreotik, uma região mineira próxima que forneceu a prata usada como material de base para a fundação da cidade-estado de Atenas. Opondo-se à popular imagem da acrópole, as vastas galerias das minas propõem uma imagem inversa da antiguidade. Abandonadas na era romana, as minas foram redescobertas no século XIX e tornaram Lavrio na primeira cidade industrial da Grécia moderna. Na década de 1970, a indústria mineira local foi novamente desativada. Hoje, as ruínas da fábrica acolhem um museu educacional sobre a história da mineração. A estrutura fragmentada do filme explora como estes diferentes fios temporais se misturaram ao longo do tempo, bem como o impacto desta história subterrânea sobre o nosso entendimento atual da divisão entre formas sensuais e abstratas do conhecimento e da experiência.

Formato: Ficheiro digital HD; Inglês; cor; som estéreo; distribuído por LUX.

Europium (2014, 21')

Lisa Rave (DE)

Utilizando vários níveis de imagem, o filme-ensaio *Europium* estabelece ligações entre o passado colonial da Papua-Nova Guiné e os projetos de exploração

de matérias-primas existentes no Mar de Bismarck. O filme tece uma narrativa em torno do elemento raro európio, cujo nome deriva do continente europeu. Os planos passam por explorar o fundo oceânico para obter este elemento utilizado para garantir cores brilhantes nos ecrãs de smartphones e outros ecrãs planos, bem como para assegurar a autenticidade das notas de Euro, graças às suas propriedades fluorescentes. O filme descreve este facto aparentemente mundano como um retorno e repetição da história, apontando, durante o processo, para a complexidade da cultura humana, das suas economias e dos seus sistemas de troca, e expondo os fantasmas invisíveis do passado que se materializam nos objetos modernos das nossas vidas.

Formato: Filme HD; Versão: Versão em língua original; cor; som.

Faux Départ (2015, 22'43")

Yto Barrada (MA)

Em tempos o leito de um oceano pré-histórico, a presente região árida entre as montanhas do Atlas e o deserto do Sara tem vindo a tornar-se num El Dorado para a exploração e a descoberta de fósseis, desde esqueletos de grandes dinossauros a trilobites. Os vestígios de trilobites com 250 a 500 milhões de anos, em forma de nave espacial, serão talvez os fósseis mais colecionados em todo o mundo. Esta verdadeira corrida ao ouro originou toda uma indústria piramidal de profissionais motivados, desde o caçador de fósseis autodidata que analisa as rochas nas vertentes das montanhas, aos “preparadores” que revelam estes tesouros antigos com a ajuda de instrumentos dentários, aos operadores de lojas de venda de rochas, grossistas, leiloeiras, decoradores e paleontologistas com formação internacional. Os preparadores praticam um conjunto de técnicas extremamente criativas que vão desde a recuperação dos espécimes intactos do interior das rochas ao embelezamento e à “colagem” de pedaços de criaturas. Entre os mais talentosos incluem-se aqueles que não

se escusam à noção de falsificação, montando partes de espécies diferentes numa nova criatura híbrida ou criando edições limitadas de réplicas, utilizando os originais naturais e princípios de moldagem, compostos comprados em lojas de bricolage e técnicas de invenção própria.

Formato: 16mm, vídeo digital; Versão: Versão em língua original; cor; som. Encomendado por The Abraaj Group Art Prize 2015. Cortesia de Pace Gallery.

SESSÃO 2 | 18 de julho | 21h

Subconscious Society, a Feature (2014, 40')

Rosa Barba (DE / US)

Em “Subconscious Society”, sequências de instalações industriais abandonadas tais como as fortalezas marinhas Maunsell Forts em Kent, como que saídas de um filme de ficção científica, são entremeadas com cenas de interior filmadas no Albert Hall de Manchester nas quais se vêem personagens envolvidas em atividades cerimoniais. Os protagonistas foram escolhidos de entre os residentes na área, pertencendo a diferentes grupos etários e com conhecimento dos vários usos que a sala de espetáculos teve ao longo do tempo, os quais tecem comentários sobre ela em voz-off que são frequentemente inconsistentes com as suas expressões estáticas. O diálogo é fragmentado e abstrato, insinuando uma cadeia de associações subconsciente. Por vezes, estes membros da sociedade teatralmente vestidos movimentam-se como se participassem num leilão, apesar de não ser claro aquilo que estão a licitar. Parecem presos ao eterno presente do seu ambiente, podendo apenas viajar mentalmente por meio de imagens das paisagens industriais que aparecem como projeções no espaço da sala e se expandem em novas sequências. Os Maunsell Forts são bunkers de metal da segunda grande guerra apoiados em estacas que emergem das águas. As cenas focam-se em símbolos

tecnológicos, como painéis solares no deserto, e nos efeitos da era mecânica sobre o ambiente, por exemplo, grandes planos de um desolado estuário pejado de relíquias de navegação. Estes ambientes sugerem uma nostalgia do progresso industrial. “Subconscious Society” indicia que as tecnologias materiais existem enquanto memórias, tendo sido suplantadas por uma cultura de comunicação imaterial. Nesta sociedade, as viagens deixaram de físicas, ocorrendo através de fortes imagens mentais. Os sons (tecnológicos), agregados ao murmurar de vozes indistintas, criam a sensação de uma expectativa desconhecida e insatisfeita de uma ocorrência dramática associada aos locais visualizados. Analogamente às ações cerimoniais no filme, o espectador torna-se numa espécie de protagonista cerimonial na maquinaria de projeção visível para lá da ilusão. “Subconscious Society” tem vindo a ser sujeito a transformações desde que foi inicialmente concebido em 2012. Versões anteriores do filme em evolução foram exibidas em Manchester e Margate, Inglaterra, e num evento performativo no festival Performa New York, contendo cada apresentação elementos diferentes.

Formato: 35mm, Blu-ray; Versão: Versão em língua original ; cor; som óptico. Encomendado e produzido por Berlin Biennale for Contemporary Art. Com o apoio de Medienboard Berlin-Brandenburg; Cornerhouse, Manchester; Turner Contemporary, Margate

Uranium Hex (1987, 11')

Sandra Lahire (UK)

Uranium Hex, de Sandra Lahire, debruça-se sobre a mineração de urânio no Canadá, focando-se em particular no trabalho das mulheres e na destruição do ambiente. O filme utiliza um conjunto caleidoscópico de técnicas experimentais, como sobreposições, refilmagem, mudanças de velocidade, ritmo e uma sofisticada estratificação de sons em que gravações de “atmosferas” são misturadas com vozes e música – Michael Maziere, Independent Media, março de 1988.

Formato: Ficheiro digital HD; Inglês; cor; som estéreo; distribuído por LUX.

Nauru – Notes from a Cretaceous World (2010, 14'50'')

Nicholas Mangan (AUS)

Nauru – Notes from a Cretaceous World é um vídeo-ensaio e instalação que contrasta a antiga história geológica da ilha-nação de Nauru, no Oceano Pacífico, com a mais recente situação político-económica do país. Historicamente, a paisagem rochosa de corais calcários de Nauru era rica em fosfato – um mineral valioso que, em Nauru, resultava da mistura de vida marinha decomposta e depósitos de guano comprimidos ao longo de milhões de anos. Na década de 1920, a comissão britânica British Phosphate Commission iniciou a exploração mineira industrial da ancestral paisagem coral de Nauru, vendendo o fosfato à Austrália, ao Reino Unido e à Nova Zelândia, que o processavam num fertilizante superfosfato utilizado para enriquecer solos agrícolas. Nas décadas que se seguiram, o governo de Nauru autorizou as atividades de mineração em tal escala que, em 1977, a pequena ilha-nação se tornou no segundo país com o nível de riqueza per capita mais elevado do mundo, logo a seguir à Arábia Saudita. Nesse mesmo ano, como sinal da sua riqueza, Nauru mandou erigir o arranha-céus mais alto de Melbourne à altura, no número 80 da Collins Street. Chamado Nauru House, o edifício foi cruelmente apelidado de “Torre de Merda de Pássaro” por muitos australianos. Na viragem do milénio, com o esgotamento dos níveis de fosfato, o governo de Nauru deixou de pagar numerosos e avultados empréstimos internacionais, tendo declarado falência. Foi por essa altura que o governo australiano iniciou a política que ficou conhecida como “Solução Pacífica” (2001-07), mais tarde “Operação Fronteiras Soberanas” (2013-presente), pagando à desesperada nação de Nauru para que albergasse os requerentes de asilo que tentavam chegar à Austrália por via marítima. Sobre o vídeo-ensaio *Nauru – Notes*

from a Cretaceous World, o artista referiu: “Quis olhar para este momento da história da humanidade no âmbito de um período de tempo muito mais longo. Quis colocar a agência humana num enquadramento temporal de uma outra ordem de grandeza e num ecossistema em evolução que não considera os seres humanos como o organismo principal.”

Formato: Vídeo HD; Versão: Versão em língua original; cor; som. Cortesia do artista; Sutton Gallery, Melbourne; Hopkinson Mossman, Auckland; e LABOR, Cidade do México, D.F.

Subatlantic (2015, 11'24'')

Ursula Biemann (SWZ)

Neste vídeo-ensaio, que remete simultaneamente para vários significados do termo “subatlântico” – uma fase climática que se iniciou há 2500 anos e as regiões submersas do Atlântico –, Biemann submerge a sua câmara nas profundas águas oceânicas para refletir sobre como o tempo geológico se encontra entrelaçado com o tempo da história humana. Enquanto uma voz-off fala das aventuras de uma cientista que atravessa os períodos de tempo intergeracionais do subatlântico, navegamos entre as evidências palpáveis das dramáticas alterações ecológicas provocadas pelos seres humanos no mundo e aquelas que simplesmente se encontram para além da nossa compreensão.

Formato: Ficheiro digital HD; Inglês; cor; som estéreo; distribuído por VDB.

SESSÃO 3 | 19 de julho | 21h

The Second Journey (To Uluru) (1981, 74')

Arthur e Corinne Cantrill (AUS)

Em *The Second Journey (To Uluru)*, Arthur e Corinne Cantrill trazem precisão científica às suas observações das qualidades físicas e lumínicas da superfície de Uluru, uma formação rochosa